

Eficácia e resultados obtidos devem estar obrigatoriamente condicionados a uma prova científica?

Defesa da terapêutica homeopática

Hoje em dia, a visão dogmática parece prevalecer contra toda reflexão, hipótese, experimentação e impor uma verdade.

No entanto, o empirismo é ainda a visão que o homem usa em sua busca de compreensão de si mesmo e do mundo do qual ele faz parte.

O empirismo designa o conhecimento ou as fontes de conhecimento adquiridas através dos cinco sentidos do homem e particularmente pela **observação e a experimentação**.

O termo Empirismo vem da palavra do grego antigo “experiência: ἐμπειρία = empeiria”

Através de dos exemplos que seguem nossa meta será de reabilitar a visão empírica, depois de dar a ela a prevalência na constatação, a compreensão, a aplicação factual de um fenômeno ou de uma solução e isso sem as comprovações ou explicações formais ditas científicas.

1/ Observação, hipótese, experimentação

Pressentindo que a terra dá voltas em redor do sol (heliocentrismo), em 1543 N. Copérnico registra seus cálculos matemáticos preditivos em seu “*De Revolutionibus Orbium Coelestium*”.

Kepler verifica a exatidão dos trabalhos de Copérnico, confirma o heliocentrismo e com seus próprios cálculos matemáticos presente as trajetórias elípticas dos planetas ao redor do sol.

Galileu em 1610 confirma por sua vez os trabalhos de seus dois colegas utilizando um meio tecnológico revolucionário: a luneta telescópica.

Esses três astrônomos através de suas descobertas não somente enriqueceram o conhecimento do universo, como abalaram o poder da Igreja católica ao pulverizar o dogma do geocentrismo (a terra é o centro do universo).

Em 1847 I. Semmelweis, obstetra húngaro, demonstra que a mortalidade devida à febre puerperal nas mulheres que deram a luz sob cuidados de médicos ou estudantes de medicina é dividida por dez somente pelo ato de se lavar as mãos. Vinte anos mais tarde, Pasteur valida as suspeitas de Semmelweis em relação a um agente infeccioso transmitido pelos parteiros: a importância das bactérias acabava de ser colocada em evidência graças ao microscópio.

No século 20, em 1928, a penicilina é uma descoberta acidental devida a A. Flemming. Este, um médico e pesquisador em biologia credita em seus escritos uma parte essencial ao acaso, que ele transforma através da observação e da experimentação, em uma aplicação terapêutica que muda radicalmente a área da infectologia. A categoria dos antibióticos nasceu.

2/ A prova científica e a realidade

Uma prova é reconhecida científica quando ela serve a confirmar ou invalidar uma teoria ou uma hipótese. Ela deve, entretanto ser empírica no começo, isto é, ser baseada na observação e na experimentação respeitando a realidade ou os fatos sem dar uma interpretação dita científica garantia de qualquer extrapolação. Ela se apoia na modelização e na reprodutibilidade do fenômeno observado e analisado.

A ciência deve se conceder e se servir dos meios tecnológicos em vigor dos quais ela depende para explicar seus trabalhos sabendo, no entanto, que a tecnologia é ela mesma suscetível de evolução e que sua realidade em um dado momento só é uma deriva do espaço-tempo.

Além disso, ela não tem o direito de invalidar fatos ou observações por conta de seu insuficiente nível de desenvolvimento.

***“A ausência de prova não é a provada ausência”:* (M.Jouvet, neurobiologista)**

3/ Argumentação:

A luneta astronômica de Galileu confirmou as teorias de Copérnico que presentiam o heliocentrismo.

O desenvolvimento dos telescópios terrestres cada vez mais potentes, de telescópios espaciais sugeridos pelo astrofísico L.Spitzer em 1948 permitiram confirmar a existência de galáxias, de nebulosas prevista por cálculos realizados com a ajuda de computadores.

Em biologia molecular como em química, o papel dos instrumentos de vidro permitiu em laboratório a compreensão, a estruturação espacial das moléculas as mais complexas. Isso nos indica a relação íntima e obrigatória entre recipiente e conteúdo - a instrumentação intervindo na finalização da prova.

A penicilina produzida industrialmente a partir de 1942 salva milhões de doentes (em especial os feridos da segunda guerra mundial) mediante a simples observação de uma caixa de Petri, antes que sua estrutura química fosse definitivamente estabelecida em 1945 pela intervenção da cristalografia por raios X; a única prova científica era muito simples, evidente e apenas a experimentação, primeiro em ratos et em seguida em humanos, revelou sua extraordinária eficácia sem o recurso à técnica do duplo-cego preconizada em nossos dias.

Terminaremos pela história da Aspirina (ácido acetilsalicílico sintetizado em 1853), célebre por suas virtudes analgésicas e antipiréticas e cujo uso no começo foi perfeitamente empírico. Sua patente foi registrada em 1899 e somente em 1971 que John Vane explicou seu mecanismo de ação sobre a Prostaciclina ampliando sua ação farmacológica à inibição da agregação plaquetária.

A aspirina precedeu a ciência que só veio tardiamente explicar seu mecanismo de ação.

4/ Debate

Hoje em dia, a ciência se caracteriza por seu processo peculiar de pesquisa de uma “Verdade” certa. A tentação de verdade absoluta editada por alguns, é também sua fraqueza.

Contudo, a medicina estuda o ser vivo, matéria por definição mutável, proteiforme, dando às leis naturais uma propensão aleatória que resulta em uma definição conjuntural que leva em conta um coeficiente de incerteza.

A ciência não pode se erguer como Verdade, ela está submetida à conjuntura.

Na área médica, somente a medicina baseada nos fatos (Evidence-Based-Medicine -EBM) tem hoje o direito à palavra e considera que fora de sua metodologia, nada tem valor de prova.

O paradigma da EBM, baseado na visão factual, se apoia em métodos estatísticos em que a doença não é mais pensada do ponto de vista do indivíduo, mas do ponto de vista do grupo ou população de indivíduos.

A EBM, baseada em uma lógica aristotélica, realiza uma medicina fundada sobre “dados probatórios” muitas vezes conceituais em vez de contextuais. No entanto, a doença se refere a uma lógica paradoxal que tem a ver com dados contextuais; isto é, os argumentos emocionais, socioculturais, sócio-profissionais, familiares, socioeconômicos, ambientais.

No ano de 1968, os médicos D. Pinkel, oncologista pediatra americano e E.D.Thomas, imunologista, incentivador do alotransplante, prêmio Nobel de medicina 1990, mudaram radicalmente o futuro das leucemias (leucemia linfoblástica aguda) as curando em 50% sem utilizar os testes controles randomizados (ECR).

Hoje em dia, a avaliação da eficácia de um medicamento está inexoravelmente submetida à prova intangível do “duplo-cego”, isto é, por randomização de toda molécula em relação a um lote de pacientes testados e numerados sem levar em conta as peculiaridades de cada indivíduo.

Entretanto, para cada patologia, a medicina homeopática extrai sua especificidade da individualização de todo medicamento para cada paciente com suas peculiaridades de expressão clínica. Assim, a metodologia do “duplo-cego” invalida de maneira proibitiva e definitiva toda possibilidade de prova de eficácia do medicamento homeopático.

Se é difícil atualmente para a homeopatia de produzir provas ditas “científicas” de sua eficácia (em particular de seus mecanismos de ação), seus adversários são incapazes de fornecer uma prova de sua ineficácia a não ser invocando com má-fé o efeito “placebo” ou a não-resposta do duplo-cego.

Entretanto, os resultados terapêuticos observados, constatados e repertoriados no ser humano são fatos inegáveis e verificáveis que também têm valor de prova e poderiam, se quiséssemos, ser avaliados pelo organismo de saúde pública (SUS) que sabe analisar de maneira pertinente os benefícios de saúde dos segurados e seus custos.

Ao contrário, as autoridades de saúde na Suíça encomendaram à P.Matthiessen et G.Bornhöft (1) um relatório sobre a eficácia da homeopatia e concluíram a legitimidade dessa terapêutica e de seu aporte inegável ao sistema de saúde.

A eficácia da homeopatia na medicina veterinária, cada vez mais utilizada e com muitos estudos publicados, também não pode ser explicada pelo efeito placebo!

Apesar de os medicamentos homeopáticos terem sido objeto de uma experimentação baseada na modelização sistêmica de substâncias farmacologicamente ativas, essa terapêutica sofre violentos ataques que negam sua eficácia, os próprios alicerces de sua concepção.

O ostracismo em relação à medicina homeopática é completado pela sua não aceitação pelos planos de saúde o que é a negação total de sua realidade.

Em um momento em que a terapêutica se orienta na direção de uma “medicina personalizada”, em que a pesquisa visa, por exemplo, estabelecer um tratamento anticancerígeno alvo (aporte da genética) ou criar uma vacina específica para cada paciente em função de indicadores personalizados, não é aceitável que essa visão seja recusada à homeopatia.

Se a validação da visão personalizada é submetida à verificação pelo “duplo-cego”, é urgente de recusá-la igualmente porque isso seria a negação imediata dessas terapêuticas promissoras. Elas sofreriam, porque não, o mesmo tratamento que a homeopatia, isto é, uma não aceitação pelos planos de saúde.

Aix-en-Provence, 23 de novembro de 2020

Doutor Henri CARRÉE

Membro do comité científico do DESU de terapêutica homeopática da AMU:

Pr Y. Frances, Pr B. Granel, Drs G. Rougier, B. Poitevin, MC. Vergnet.

E a colaboração da Doutora Génévieve Ziegel, neuropsiquiatra e Claire Laurent, Doutora em Antropologia.

(1) Bornhöft G, Matthiessen PF, editors. Homeopathy in Healthcare. Effectiveness, Appropriateness, Safety, Costs. Springer; 2011.

